

— 386 —

te observa, como confessa o seu cepticismo em relação aos fundamentos filosóficos daquela corrente estética; considera o Materialismo uma doutrina religiosa “de que foram banidos o pensamento e a fantasia” E acrescenta: “Os que se insurgem contra o dogma, constroem com o Ateísmo um novo dogma. Eles não tem direito de trocar dos crentes: o Ateísmo é uma fé” Inquietações semelhantes vai o A. descobrir também em Baudelaire. Se, em dado passo, este poeta generaliza que “todo o bom poeta foi sempre realista”, logo restringe, noutro momento: “A poesia é o que existe de mais real, é aquilo que só é completamente verdadeiro num outro mundo, ou reconhece, intrigado: “Este mundo, dicionário hieroglífico”

Champfleury e Baudelaire, em pleno surto realista, situam-se, portanto, para além do Realismo. Tal como Janes Joyce, na tentativa de captação da Realidade psíquica, que é a técnica do *monólogo interior*. Tal como W. B. Yeats, o defensor da arte como “visão da realidade”, ao exprimir-se por estas palavras: “Players and painted took all my love / And not those things that they were emblems of” (matéria do cap. VII). Tal como William Blake, à distância de um século, já antecipava as interrogações dos realistas, no verso lapidar: “A fool sees not the same tree that a wise man sees”. Resta saber (se acaso é legítimo pôr a questão), quando se trata de reproduzir o mundo objectivo, quem é o *louco* e quem é o *sábio* (matéria do cap. VI).

Assim, conforme a resenha que viemos fazendo, nos caminhos que vão dar a Marx o A. circula na qualidade de dissidente. E, todavia, a sua maneira de observar o mundo bem podia acreditá-lo como o mais pragmático dos marxistas. Na verdade, o perfil humano de Johannes Kleinstück confere-lhe uma singular autoridade moral para se pronunciar sobre a tal Realidade económica e social que é objecto do Realismo de Lukács. Em sucessivos contactos ao longo de vinte anos, nunca o conhecemos encerrado em torres de marfim nem pontificando em alta roda de intelectuais. Vimo-lo, sim, preferir o convívio habitual dos emigrantes portugueses nas respectivas associações e locais de encontro na cidade de Hamburgo; vimo-lo confraternizar com os rurais em tabernas do Alentejo; soubemo-lo alojado, como hóspede de amizade, no lar dum pescador da Póvoa de Varzim. Ele seria um intelectual marxista, se a doutrina de Marx porventura correspondesse à sua interpretação do mundo; mas, se o fôsse, nunca seria, como tantos outros, um marxista de gabinete.

OLIVIO CAEIRO

HANS-JOACHIM TEUCHERT: *August Graf von Platen in Deutschland. Zur Rezeption eines umstrittenen Autors*, Bouvier Verlag, Bonn 1980, in 8º, 276 pgs.

Quando em 1968 publicámos *O Diário de Platen-Hallermünde. Expressão duma crise espiritual*, foi objectado que nos estaríamos ocupando inutilmente

dum poeta menor, sem eco no mundo contemporâneo. Erro do julgador Não é com doutorais sentenças *ex cathedra* que se enterra um poeta. Há que aprofundar os parâmetros históricos em que o autor se enquadra; é preciso conhecer os parâmetros históricos em que o autor se enquadra; é preciso conhecer os movimentos literários que lhe sucederam e a marca que eventualmente neles se projectou; é indispensável a humildade de aceitar que o momento que vivemos não é definitivo — o autor hoje esquecido pode amanhã, perante um retorno de interesses estéticos, voltar à aceitação duma época. A moderna teoria da recepção, ao estudar o caminho percorrido pela obra literária na sua projecção histórico-social, veio justamente denunciar o abuso de tais juízos de autoridade (?) e substituí-los por uma visão mais assente na realidade do acontecer. Se um poeta, de mérito em seu tempo esmoreceu na presença duma outra época, não foi porque o crítico A. ou o Prof. B. decidiram expulsá-lo mas porque as condições temporais para a sua recepção são desfavoráveis e, possivelmente, aguardam melhor vez...

Para o caso de August Graf von Platen-Hallermünde, desaparecido há século e meio, vem dar-nos razão este ensaio de H.-J. Teuchert, apresentado em 1978, como dissertação, à Universidade de Munique e agora publicado sob forma impressa.

O desiderato que preside ao trabalho é a aplicação da teoria da recepção literária ao exemplo concreto dum autor, tendo-se preferido, intencionalmente, conforme o subtítulo promete, “um autor controverso”. As directrizes teóricas para tal adoptadas provêm, entre outros, de Robert Jaul e Wolfgang Iser, e, como objecto de incidência, escolheu-se August Platen. Perspectiva interessante, porque vem pôr à prova as potencialidades da nova teoria, e escolha certa, porque difícil será achar na literatura alemã um poeta sobre o qual o juízo dos tempos tenha mostrado mais desavindo. De lírico genial, o maior depois de Goethe, a mero artífice do verso “a quem falta o amor” (a sentença foi do próprio Goethe); de grande inovador das letras alemãs a modesto epígono dos clássicos; de patriota redentor e liberal a odiosa incarnação dos privilégios aristocráticos; de sacerdote do Belo, herdeiro da sublimidade helénica, a homossexual confesso e a megalómeno que morreu “em cheiro de celebridade” — para bem ou para mal, não houve chancela que não assentasse ao Conde de Platen e à sua obra poética.

Seria, portanto, desejável que o A., com este ensaio, viesse finalmente interpretar as motivações de tais desencontros, com vista a captarmos a verdadeira imagem do poeta. H.-J. Teuchert esforça-se, de facto, por dar-nos uma panorâmica da recepção plateniana, desde a época da Restauração até à moderna crítica da R.D.A., mas, quando aos méritos reais da obra de Platen, não nos deixa muito elucidados. Talvez que, com propósito deliberado, pretendesse tão somente dar a palavra às sucessivas posições críticas, coibindo-se de intervir, a fim de não prejudicar a fidelidade da auscultação a que procede; porém, num estudo em que tanto se repetem, em referência à diversidade daquelas posições,

os epítetos de “mißverstand”, “Fehlverhalten”, “Fehlrezeption”, etc., parece que o reconhecimento dessas conotações negativas devia pressupor a existência duma outra realidade positiva, que afinal não chega a ser revelada. Por outras palavras: afirma-se que Platen é falsamente julgado, mas não se concretiza qual seria o recto julgamento.

Propõe-se o A., no âmbito da dissertação, defender as *teses* seguintes:-
1. Platen, em geral, é mal compreendido. Por sua própria culpa? Por culpa das investigações sobre Heinrich Heine? Por culpa da investigação plateniana? Ou por culpa dos imitadores de Platen? — 2. Platen e os seus apologistas encontram-se em oposição estética à respectiva época. — 3. No estilo e nas ideias, Platen é mais moderno do que a crítica reconhece. — 4. No campo da recepção plateniana, verifica-se uma redundância dos factos e dos argumentos.

A resposta a estas questões processa-se através da análise da projecção do poeta nos sucessivos momentos da história literária da Alemanha. Pensamos que o A. consegue efectivamente provar: a) Que as *culpas* se distribuem pelas diversas origens acima aludidas; b) Que a corrente plateniana representa, em qualquer época, um desacordo com o mundo ambiente; c) Que a apreciação de Platen se caracteriza, na verdade, pela incidência recorrente (e quase sempre emocional) de determinadas componentes. Quanto à modernidade do poeta, o A., evitando mais uma vez as tomadas de posição pessoais, e portanto os juízos de valor, dedica-lhe pouco mais de uma página das conclusões, deixando assim por desenvolver um aspecto que reputamos essencial, sobretudo na avaliação dum autor *controverso*.

Seguindo agora o percurso traçado por Teuchert, temos, em primeiro lugar, Platen na época da Restauração, ou seja, o poeta em face dos homens do seu tempo. Até à sua morte, em 1835, pode dizer-se que o acontecimento literário que mais o celebrou foi a desastrosa polémica com Heine. Numa das comédias satíricas, Platen, talvez em busca de sensação, agride Heine na sua origem judaica; este, em *Die Bäder von Lucca*, riposta tratando o opositor de pederasta. Questão delicada, porque envolvida, por um lado, o antisemitismo latente na sociedade alemã e o convencionalismo moral do *Biedermeier*, e, por outro, a colisão política da aristocracia conservadora contra a burguesia liberal. Aqui temos uma das tais *redundâncias* que vêm acompanhando a apreciação estética de Platen até aos nossos dias. Para os Platenistas, Heine é o caluniador obscuro; para os adoradores de Heine, Platen é um vago poeta em extinção, inferiorizado por um desvio erótico inconfessável. Intervenção curiosa nesta disputa secular é a de Hans Mayer, no seu ensaio *Außenreiter* (1975), ao interpretar a polémica Platen — Heine como uma *auto-identificação* de ambos os autores: Heine, o judeu, sente-se recordado e ferido da sua marginalização, na pessoa do outro marginalizado que é o homossexual Platen; este, por seu turno, vê-se espelhado na sua frustração, perante o autor de sucesso, mas nem por isso menos frustrado, que era Heinrich Heine.

Seis anos volvidos sobre a morte de Platen. Georg Herwegh vem deslocar o polo de interesse em torno do poeta. ao publicar um elogio, de forte impacto político, acerca dos *Polenlieder*, colectânea de exaltação à independência da nação polaca, que a censura havia em princípio proibido e que em 1839 tivera uma primeira edição obscura. Estava lançada a outra linha mestra da recepção de Platen: desde o liberalismo do *Vormarz* ao Realismo socialista da R.D.A. (e aqui opera-se um verdadeiro renascimento plateniano), temos o poeta assinalado como um dos grandes combatentes da liberdade e do progressismo ideológico.

Diferente é a imagem criada pelo renovo clássico-romântico(que o A. engloba, de forma discutível, sob a rubrica “a época do Realismo”), em fase avançada do séc. XIX. O aparecimento das tertúlias poéticas — o *Tunnel über der Spree* em Berlim, na Baviera o *Círculo de Munique* — vem corporizar uma tendência decorrente da evolução da sociedade burguesa, para uma prática literária acima da realidade quotidiana e do comprometimento político da Arte. Em autores como Emanuel Geibel, Paul Heyse, Felix Dahn, mesmo Fontane na sua fase juvenil, começa a manifestar-se na prática poética o culto da forma, a figura idealizada do poema como “príncipe e sacerdote” e o seu ofício como uma predestinação quase transcendente. Foi esta geração que redescobriu Platen e o tomou por modelo. Não o intervencionista dos *Polenlieder*, antes o escultor apolíneo dos *Sonetos de Veneza*, das Odes, Éclogas e Idílios sobre motivos italianos. Os reflexos podem ver-se ainda nos poemas encomiásticos que estão se publicaram em memória de Platen, na construção do monumento hoje existente em Ansbach e no culto pelo túmulo do poeta em Siracusa. A este capítulo da recepção plateniana dedica Teuchert algumas das melhores páginas do seu ensaio.

Na transição do século, com a exaltação patriótico-imperialista da época guilhermina e os primeiros incómodos da era industrial, o idealismo já esboçado no renovo clássico-romântico atinge a sua expressão mais elevada — é a fase dos poetas da torre de marfim, representada sobretudo pelo círculo de Stefan George. Foi então que a aceitação de Platen se tornou, de mero epigonismo, em consagração ritual. Ele é, a par de George, o paradigma duma estética sacralizada. Mas agora com novo contributo: a publicação integral do *Diário Íntimo* de Platen (1896/1900) veio revelar na sua nudez os tormentos dum pendor homossexual e a tentativa da sua sublimação estética. Ao Adrasto plateniano correspondia o mito de Maximin na poesia de George.

E posto isto, parece que só faltava à figura de Platen a mitificação. Ela veio, já em pleno sec. XX, com a narrativa célebre de Thomas Mann, *Der Tod in Venedig*, onde o perfil do poeta dos *Sonetos de Veneza* se funde com o mito de Tristão. À respectiva análise procede Terchert com pormenor e acerto.

Para além de algumas deficiências que apontámos, o defeito mais evidente desta publicação de H.-J. Teuchert reside na execução gráfica do volume. As

gralhas, das mais absurdas, contam-se por dezenas; há nomes trocados (Richard Winkler por Eugen Gottlob Winkler); referências bibliográficas lacunares (falta a página ou o ano de edição); notas deslocadas de páginas, ou referidas no texto mas faltando no rodapé, etc. Não é de aceitar que editora tão responsável como a Bouvier se permita lançar no mercado produto tão mal acabado. Sobretudo num país em que as edições são geralmente muito cuidadas.

De qualquer modo, e apesar das hesitações do A. quanto a uma apreciação valorativa do poeta que é objecto do seu estudo, este livro vem comprovar a presença, por vezes bem marcante, de Platen, tanto no interesse dos críticos como na influência estética, em gerações sucessivas.

Decididamente, Platen não é um “poeta menor”

OLIVIO CAEIRO

MANFRED JURGENSEN: *Das fiktionale Ich. Untersuchungen zum Tagebuch*, Francke Verlag, Bern/München 1979, in 8º, 302 pgs.

A prática do diário íntimo, ainda sem intuitos de divulgação pública, começa em pleno Renascimento europeu, no âmbito do individualismo e do culto da personalidade que é característico da época. Vem depois a conhecer um novo surto entre os secs. XVIII e XIX, com a tendência para o confessional desenvolvida pelo pietismo, o rousseauismo e o movimento romântico, e vai então ensaiando os primeiros contactos com o leitor. No sec. XX, na crise de duas guerras mundiais, o diário íntimo converte-se finalmente em diário para uso externo, talvez porque a evolução dos costumes veio consentir, entre outros, mais este gesto de franqueza que é o *nudismo intelectual*; ou talvez, sobretudo, porque a problemática do Homem moderno já não se confina tanto ao foro metafísico e passa a traduzir-se num protesto contra a agressão do mundo ambiente — envolve, portanto, uma necessidade de denúncia pública, como anseio de mudança para algo de indefinido. Conduzidas, deste modo, ao contacto do leitor, as notas intimistas ganham mais nítida feição literária e, em casos muito estilizados, a forma diarística passa mesmo a intervir, no todo ou em parte, na estrutura duma obra de ficção.

É, pois, recente o reconhecimento do diário íntimo como forma literária. Daí que só as últimas três décadas tenham surgido os grandes estudos de fundo sobre a sua problemática geral. Salvo análises monográficas dum diário determinado, que não aspiram a uma teoria de conjunto, alguns artigos dispersos, de breve extensão, e dissertações universitárias cuja importância não chegou à publicação impressa, as obras teóricas basilares provieram da França e da Alemanha, podendo resumir-se às seis seguintes (por ordem cronológica de primeiras edições): Michèle Leleu, *Les journaux intimes*, Paris 1952; Albert Gräser, *Das literarische Tagebuch. Studien über Elemente des Tagebuchs als Kunstform*,